

Recensão a *Escutar os mortos com os olhos*, de Roger Chartier

António Camões Gouveia

Práticas da História, n.º 22 (2026): 541-545

www.praticasdahistoria.pt

This journal is funded by National funds through FCT — Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., under the projects UID/HIS/04666/2013, UID/HIS/04666/2019, UIDB/04666/2020 (https://doi.org/10.54499/UIDB/04666/2020), UIDP/04666/2020 (https://doi.org/10.54499/UIDP/04666/2020), UID/4666/2025 (https://doi.org/10.54499/UID/04666/2025), UIDB/04209/2020, UIDP/04209/2020, UID/4209/2025 (https://doi.org/10.54499/UID/04209/2025) and LA/P/0132/2020 (DOI: https://doi.org/10.54499/LA/P/0132/2020)

Roger Chartier. *Escutar os mortos com os olhos*. Lisboa: Tinta-da-china, 2025, 72 pp.

António Camões Gouveia*

Uma escolha e uma coleção

O pequeno livro de Roger Chartier abre uma coleção em que "a história é um espertador do entendimento" (pp. 13-14), frase de 1563 pedida emprestada a João de Barros (1496-1570). A coleção é coordenada por Rui Tavares e assume uma direção de que a epígrafe/título é promissora e que fica clara na apresentação (pp. 13-15). A proposta desenhada pretende dar acesso "a livros de muitos historiadores e historiadoras, diferentes entre si: modernos e antigos, científicos ou humanísticos, quantitativos ou qualitativos, mais analíticos ou mais sintéticos" (p. 15).

Entretanto, em setembro de 2026 saiu a coletânea de quatro ensaios de Carlo Ginzburg (1939-2026) *Nenhuma ilha é uma ilha*. A diversidade é evidente. Sob o tom de literatura inglesa, estudam-se um

* António Camões Gouveia (acamoesgouveia@gmail.com). https://orcid.org/0000-0002-6053-7411. CHAM, NOVA FCSH; CEHR, UCP. Receção da recensão original: 18-06-2026. Receção da versão revista: 28-07-2026. Aceitação: 29-07-2026.

bispo espanhol, a *Utopia* de More, o *Dicionário* de Bayle, um conto de Stevenson... No mínimo, promissor!

Um autor: Roger Chartier

Roger Chartier construiu o seu caminho na direção aberta pelos *Annales* (1929) e, sucessivamente, foi alargando as áreas de estudo e aperfeiçoando metodologias. O seu caminho de investigação sobre a história da cultura moderna entre os séculos XIV e XVIII regista inovação pessoal nos conteúdos, nos temas abordados como na revisão e criação de conceitos. Com ele, e com as equipas que soube ir criando, o livro, a leitura, o autor, as bibliotecas, os seus usos e interpretações tornaram-se objetos, sujeitos e agentes de cultura, permitindo novos olhares e, na verdade, releituras de temáticas que antes pareciam encerradas.

Chartier foi capaz de fazer entender, e de praticar, análises e construções históricas numa confluência das identidades de objeto e de metodologias da história do livro, da história da leitura, da história da cultura escrita e de indiciar propostas até aos leitores. A sua produção bibliográfica dá conta deste alargamento, ainda que não perdendo nunca o lastro das dimensões sociais e das sociabilidades da cultura.

As metodologias de abordagem e discussão do livro-objeto, do livro conhecível ao livro prisioneiro, dos poderes de encomenda, mecenato, comércio, propaganda, ... às contrafações e censuras permitiram-lhe uma vitalidade de análise constante e, ainda hoje, motivadora.

Um texto, de um autor, para uma coleção

Quanto ao texto de Roger Chartier, trata-se da tradução do livro *Écouter les morts avec les yeux* (Paris: Collège de France/Fayard, 2008). Desta vez sob a epígrafe de um verso de Francisco Quevedo (1580-1645), escrito em 1620 e só publicado em 1648!, passa-se a escrito a lição de abertura do seu primeiro curso no Collège de France, aquando da sua admissão em 2007.

Com uma clareza e precisão conceptual, discursiva e exemplificativa, o texto de Roger Chartier não nos pode merecer mais do que uma aceitação.

Por isso, não nos guia qualquer preocupação mais do que notar algumas linhas de fundo na sequência das quais deve estar atento um professor de história ou um historiador.

Autores e livros motivadores

Um grande ponto de partida: Henri-Jean Martin e o *Aparecimento do livro (*pp. 19-20), "um dos títulos fundadores da história do livro" (p. 20), de quem Roger Chartier escreve que "sem ter sido seu aluno, fui seu discípulo" (p. 20), classificação afetiva e marcante na vida de alguém que se sente um professor. A Henri-Jean Martin junta-se, desde logo, Lucien Febvre (p. 20) e, depois, Don McKenzie (pp. 20-21) e a sua proposta de estudo conjunto de "compreensão histórica dos escritos, da descrição morfológica dos objetos que os contêm" (p. 21) e, por fim, Armando Petrucci com os "papéis atribuídos à escrita, as suas formas e suportes, e os modos de leitura" (p. 22). Estas leituras, os seus enfoques e interligações permitem a Roger Chartier enunciar a pergunta de fundo que irá conduzir as suas futuras lições do Collège de France, iniciadas a 11 de outubro de 2007 e distribuídas por todo um ano, sob o tema estruturante "Escrita e culturas na Europa moderna" (p. 17), tendo como eixo diretor "o lugar que a escrita ocupou na produção dos saberes" (p. 22).

Neste âmbito, importa percorrer a construção de uma biblioteca de referentes capazes de alicerçar a lição que veio a ser preferida. Caso a caso, as prateleiras de Chartier vão-nos deixando aproximar dos nomes centrais de Martin, Febvre, McKenzie e Petrucci, e acrescem-lhes Gutenberg, era de esperar!, Montaigne, não nos espanta, Michel Foucault, é fundamental, Jorge Luis Borges, agarrado à Biblioteca de Alexandria dos Ptolomeu. Na sequência, volta a recuperar-se Lucien Febvre, enquanto o grande historiador da época moderna, Fernand Braudel e a preocupação de aprofundar os tempos do tempo, um pa-

rêntese com as agendas próprias de Paul Ricoeur e Yosef Yerushalmi, e o retorno a uma prosopografia do fazer história que se estende aos estudos de Emmanuel Le Roy Ladurie, Jean Delumeau e Daniel Roche, que Roger Chartier define como "mestre junto do qual aprendi o ofício de historiador" (p. 34), e uma extensão, de assinalar, ao revolucionário Norbert Elias. No *zoom* de aproximação ao livro, lançado pela proposta de Kant, já estruturada e estudada por Ernst Curtius, que "disse praticamente tudo" (p. 39) sobre o que é o livro e as suas funções.

Livro implica o autor. Implica? Implicou? É essa "relação original e indestrutível entre a obra e o seu autor" (p. 43) que nos faz regressar aos livros que Michel Foucault construiu e divulgou, com a sua configuração de ideias e de práticas de uso e leitura do livro. Aí, o "autor" emerge como protagonista, o que Chartier cuidadosamente interpela e limita, pois esta proposta não comporta algo que é "historicamente muito variável" (p. 43). Dois exemplos (pp. 43-46) procuram clarificar a necessidade de variação da "função do autor" (p. 45) afirmada por Foucault.

Percebe-se, por tudo isto, que Roger Chartier, na construção da aula e na sua formulação escrita, instalado na "ordem dos livros", avance para dois temas convergentes abordados em quatro outros textos: "cultura escrita e literatura" (pp. 47-53), "produção do texto" (pp. 55-67), "princípios da análise" (pp. 69-73) e "o excesso e a perda" (pp. 75-78).

Exemplificar com livros e autores. O peso do "Siglo de Oro"

Os exemplos do mundo do livro, dos livros e com livros, são retirados de Shakespeare, Furetière, Lope de Vega, Cervantes, Kant e os seus *O que são as luzes?* e "Doutrina do direito" na *Metafísica dos costumes*. Depois de voltar ao mundo ibérico, a Melchor de Cabrera e a Alonso Victor de Paredes, a impressão e a sua tratadística permitem saltar para uma aproximação a outra tríade de autores: Blackstone, Diderot e a orgânica das ideias de Fichte. Do livro na sua ligação à autoria(s) são exemplos Shakespeare e Cervantes nas suas edições de

Rowe e de Mayans y Siscar respetivamente, ou as intromissões "perpetradas pelo malévolo Avellaneda" (pp. 45-46). São páginas de rigor e de criação interpretativa, de análise de propostas criteriosas de compreensão e sua configuração de ideias e de práticas de uso da leitura do livro, escreva-se, sobre a "ordem dos livros ou, mais genericamente, o regime de publicação dos escritos" (p. 46).

Conclusão, sem nada encerrar...

Nesta nota, fica tudo por dizer e escrever. Como um livro dificilmente é peça de uma exposição em museu, também esta escrita do oral da lição de Roger Chartier dificilmente se entende, se lê!, sem retirar algumas das suas peças-livros de fundo da prateleira da nossa biblioteca e, o que teria sido excelente, ter-se ouvido a sequência e síntese das suas lições neste curso.

Tudo por dizer e escrever? Tudo, ... menos a vontade que o livrinho nos cria de ir ler para melhor "espertar" o nosso entendimento.

Referência para citação:
Gouveia, António Camões. "Recensão a *Escutar os mortos com os olhos*, de Roger Chartier". *Práticas da História, Journal on Theory, Historiography and Uses of the Past*, n.º 22 (2026): 541-545. https://doi.org/10.48487/pdh.2026.n22.49693.